

Aliança pelo fim dos combustíveis fósseis

Anunciada na COP26, iniciativa liderada por Costa Rica e Dinamarca pretende eliminar, gradualmente, a produção de gás e petróleo. Grandes produtores, como EUA e Arábia Saudita, não fazem parte do pacto

Em meio às negociações para a elaboração do relatório final da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de Glasgow (COP26), um grupo anunciou a união de esforços para eliminar, gradualmente, a produção de gás e petróleo. Intitulada Beyond Oil and Gas Alliance (BOGA), a iniciativa é liderada por Costa Rica e Dinamarca e tem 12 integrantes — entre eles, França, Irlanda, Suécia, Portugal e territórios subnacionais, como Califórnia e Quebec. Grandes produtores de combustíveis fósseis, porém, como Estados Unidos, Arábia Saudita, China, Rússia, Canadá e Brasil, não aderiram ao pacto.

Em declaração, o novo grupo enfatiza que, para o cumprimento do Acordo de Paris, firmado em 2015, é preciso “uma mudança dramática” na produção e no uso da energia. “A eliminação gradual da produção de petróleo e gás é uma parte crítica desse desafio”, segue o texto. Na mesma linha, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, afirmou, depois do anúncio da BOGA, que são “vazias” as promessas de reduzir as emissões de gases de efeito estufa se os países não acabarem com os combustíveis fósseis. “As promessas soam vazias quando a indústria de combustíveis fósseis continua recebendo bilhões em subsídios (...) ou quando os países continuam construindo usinas a carvão”, afirmou.

Os integrantes da iniciativa se comprometeram a descontinuar processos de concessões e licenciamentos e a definir uma data, alinhada com o Acordo de Paris, para encerrar a produção e exploração de petróleo e gás, responsáveis por 90% das emissões de gás carbônico na atmosfera. “Temos que começar essa conversa. Temos que ver



Integrantes prometeram descontinuar processos de concessões e licenciamentos e definir data para encerrar das produções

medidas concretas. Estamos ouvindo o mundo além dessas paredes”, disse a ministra do Meio Ambiente e Energia da Costa Rica, Andrea Meza.

O ministro dinamarquês do clima, Dan Jorgensen, considerou o anúncio da aliança como “o início do fim do petróleo e do gás”. “Quando converso com cientistas, cidadãos e ativistas, todos eles querem uma coisa mais do que qualquer outra coisa: ação ousada e tangível. Não fala, ação. É isso que a aliança está aqui para oferecer.” Questionado por repórteres, Dan Jorgensen se recusou a comentar a decisão do Reino Unido, como estado, de não aderir ao grupo. Diferentemente, o

País de Gales faz parte do pacto e está “em negociações” com a Escócia, sede da COP26, para fazer o mesmo.

Para críticos, a ausência do Reino Unido na aliança indica uma falta de liderança da presidência da COP26. “O primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, perderá o que resta de sua credibilidade climática se não descartar novos petróleo e gás e avançar com propostas para um novo campo de petróleo em Cambo (na costa do Reino Unido) depois de ter dito a outros países para ‘puxar todos os obstáculos’ em COP26”, disse Rebecca Newsom, chefe de política do Greenpeace no Reino Unido. “É decepcionante que o governo

do Reino Unido não tenha assinado esta iniciativa bem-vinda. Ele pode ter liderado o compromisso com emissões líquidas zero, mas, agora, deve lidar com a contradição épica de continuar a conceder licenças de petróleo e gás no Mar do Norte”, afirmou a conselheira de Política Climática da Oxfam.

Negociações

Depois de apresentar a aliança, a ministra costarriquenha voltou à tarefa de coordenar as negociações e dar coerência ao complexo documento final da COP26. Pelo cronograma inicial, os negociadores dos quase 200 países devem

apresentar, ainda hoje, um documento que aumente a ambição e os compromissos de manter o aquecimento global, idealmente em +1,5°C, e que implique inevitavelmente uma redução radical das emissões.

Como de costume, a presidência da COP dividiu a negociação por setores e encarregou Meza de dar coerência ao texto final. “Há uma série de economias emergentes que não podem mais ser tratadas como países em desenvolvimento, e essas são conversas não resolvidas, com muita geopolítica. É isso que torna, eu acho, a questão do financiamento sempre tão complexa e é, sem dúvida, uma das questões que fecham

As promessas soam vazias quando a indústria de combustíveis fósseis continua recebendo bilhões em subsídios (...) ou quando os países continuam construindo usinas a carvão”

António Guterres, secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU)

ou atrapalham muitas das salas, onde estão sendo realizadas as negociações. Principalmente o financiamento para adaptação, que é muito importante para a maioria dos países”, avaliou a ministra em entrevista à agência France-Presse de notícias (AFP).

Diante do aquecimento global, os representantes políticos têm basicamente duas estratégias sobre a mesa: mitigação (redução de emissões) e ações de adaptação (como a construção de barragens). As nações desenvolvidas estabeleceram oficialmente o valor de US\$ 100 bilhões por ano para ajudar os países em desenvolvimento a enfrentarem a tarefa de reduzir as emissões de poluentes, além da adaptação para as mudanças. O valor é uma base, insistem os países pobres. E o Acordo de Paris já previu a necessidade de renegociação para depois de 2025.

PANDEMIA

Agência europeia aprova terapias com anticorpos contra a covid

A agência reguladora europeia para o setor de medicamentos (EMA, na sigla em inglês) recomendou o uso dos primeiros anticorpos monoclonais para combater a covid-19. O Ronapreve, produzido pela farmacêutica suíça Roche, e o Regkirona, do laboratório sul-coreano Celltrion, mostraram-se, em pesquisas científicas, eficazes para tratar e prevenir a doença. Ao analisar resultados desses ensaios clínicos, o órgão regulador considerou que “os benefícios dos medicamentos são superiores aos riscos para as suas utilizações aprovadas”.

Os anticorpos são uma das bases do sistema imunológico humano, agem diante da presença de um elemento estranho, como um vírus ou uma bactéria, para proteger o corpo. Laboratório reproduzem sinteticamente essas estruturas de defesa, que, nesse caso, são chamadas de anticorpos monoclonais. Os aprovados pela EMA são projetados para se anexar à spike, a proteína do novo coronavírus que o ajuda a infectar células humanas.

Na avaliação da comissão europeia da Saúde, Stella Kyriakides,



a aprovação dos dois medicamentos é um “passo importante” no enfrentamento à pandemia. “Em um momento em que sobem as infecções em quase todos

os Estados-membros, é reconfortante ver novos tratamentos promissores em desenvolvimento na nossa estratégia farmacêutica contra a covid-19”, afirmou.

As pesquisas

Um dos estudos avaliados por especialistas mostra que, entre os pacientes com risco aumentado de ter

Inspiradas nas proteínas de defesa naturais do corpo, as drogas Ronapreve e Regkirona reduzem taxas de agravamento da doença e de morte

Vacina indiana é eficaz, mostra estudo

Um estudo publicado na revista *The Lancet* mostra que a vacina Covaxin, o primeiro imunizante contra o coronavírus desenvolvido na Índia, é “altamente eficaz contra a covid-19 sintomática (...) em adultos”. A Organização Mundial da Saúde (OMS) já havia aprovado o uso da fórmula em caráter de emergência com base nesse estudo, mas o texto ainda não havia sido divulgado. A pesquisa conduzida com 25 mil pessoas mostrou que houve cerca de 75% menos de casos de infecção entre os vacinados. O imunizante é especialmente interessante para países pobres e em desenvolvimento porque requer menos capacidade logística do que as vacinas de RNA mensageiro, que precisam ser armazenadas em temperaturas muito baixas.

covid grave, 3,1% dos tratados com o Regkirona (substância ativa regdanimab) foram hospitalizados, necessitaram de oxigênio suplementar ou morreram ao longo de 28 dias de terapia. A taxa entre os não submetidos à abordagem experimental foi de 11,1%.

No caso do Ronapreve (asirivimab/imdevimab), o estudo principal mostra que a terapia reduz o número de hospitalizações e morte. No geral, 0,9% dos tratados foi internado ou morreu ao longo de 29 dias de tratamento, contra

3,4% dos não submetidos à terapia. Esse anticorpo também se mostrou efetivo para evitar a infecção pelo novo coronavírus. Segundo a EMA, um dos estudos mostram que, após terem contato com alguém próximo infectado pelo Sars-CoV-2 e assintomático, 29% das pessoas que tomaram a droga testaram positivo e desenvolveram sintomas dentro de 14 dias. Entre as que receberam placebo, a taxa subiu para 42,3%.